



O léxico do Candomblé em Portugal

The lexicon of Candomblé in Portugal

CAMILA DE LIRA SANTOS¹

Resumo

Este artigo pretende apresentar o candomblé, religião afro-brasileira que vem se tornando presente em Portugal e analisar possíveis contribuições lexicais deste ao Português brasileiro e ao europeu. Os métodos de pesquisa empregados foram entrevista e levantamento de conhecimento linguístico através de questionário. Baseado nos dados coletados chegou-se à conclusão de que o léxico do candomblé em Portugal não se deslocou do âmbito religioso para o cotidiano popular, como acontece no Brasil.

Palavras-Chave: Léxico; candomblé; linguística; religião

Abstract

This article intends to introduce “Candomblé”, an afroBrazilian religion that is becoming more common in Portugal, and to analyze if there were any lexical contribution in Brazilian Portuguese or in European Portuguese. The methods used were interview and linguistic knowledge questionnaire. Based on the collected data, we concluded that the lexicon of “Candomblé” in Portugal did not go out of its religion context to achieve the popular lexicon, as it happened in Brazil.

Keywords: Léxico; candomblé; linguistic; religion

1. INTRODUÇÃO

A formação do povo brasileiro é marcada pela diversidade cultural dos povos que dela fazem parte. Da convivência entre as culturas indígena, portuguesa e africana surgiu, como bem define Darcy Ribeiro (1995), o povo brasileiro, “construído com tijolos dessas matrizes, à medida que elas iam sendo desfeitas”. Estima-se que das línguas indígenas e africanas tenham sido incorporadas cerca de 10.300 palavras ao vocabulário do português brasileiro (doravante PB). Algumas foram também incorporadas ao léxico do português europeu (doravante PE) bem como aos de outras línguas. É o caso de *ananás*, cujo empréstimo advém do século XVI. Este é o vocábulo oficial para designar a fruta não só no PE, como também no espanhol e no alemão. (Noll, 1999) Além do Tupinismo, é necessário falar do intercâmbio lexical entre as línguas africanas e o PB. Palavras como *axé*, *acarajé* e *orixá* fazem parte do vocabulário brasileiro, embora muitos não saibam definir seu significado, o qual advém da religião candomblé.

¹ Universidade Ludwig Maximilian, Alemanha, milalira@gmail.com

Com o intuito de analisar a influência dessas incorporações linguísticas e culturais na variante europeia do português, realizou-se no Instituto de Línguas Romanas da Universidade Ludwig Maximilian o estudo “Elos Brasil – Portugal”, cujo objetivo principal é discutir os laços que envolvem Brasil e Portugal. Durante muitos séculos, o intercâmbio cultural deu-se a partir da metrópole portuguesa, entretanto hoje fala-se em “conquista brasileira” sobre os portugueses.

Segundo Dias (2011), as religiões afro-brasileiras foram levadas pela imigração brasileira ao país lusitano e têm se tornado populares ali no decorrer dos últimos anos. Por conta disso, surgiu o interesse em saber se a linguagem dos rituais de candomblé também atingiu o léxico português, como ocorreu e ainda ocorre no Brasil.

Com essa pergunta central, procurar-se-á situar o candomblé na história brasileira, apresentando sua origem e ritos. Após esta definição, será abordada a contribuição lexical do candomblé ao PB, para assim analisar as possíveis contribuições lexicais do candomblé no PE. Como metodologia, serão apresentados os resultados da entrevista realizada com o Babalorixá Jomar² e dos questionários respondidos por informantes das Universidades de Coimbra e do Minho. Ao final, os resultados destas pesquisas serão analisados e apresentar-se-á, quando possível, a presença do léxico afro-brasileiro advindo do candomblé em Portugal.

2. A CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO RELIGIOSA: O CANDOMBLÉ

Com a colonização europeia, diversas nações indígenas foram utilizadas como mão de obra escrava até tornarem-se escassas. Por conta disso, mercadores e colonos começaram a importar negros africanos como escravos, inserindo-os nos diversos setores da atividade produtiva brasileira. Embora Castilho (2010) afirme que entre 1538 e 1855 foram levados cerca de 18 milhões de escravos negros, divididos em quatro ciclos de importação, é impossível precisar quantos africanos chegaram ao Brasil na condição de escravos:

- Ciclo da Guiné, século XVI, escravos sudaneses;
- Ciclo de Congo e Angola, século XVII, escravos bantos;
- Ciclo da costa de Mina, século XVIII, novamente escravos sudaneses;
- Escravos de todas as regiões, século XIX, predominantemente angolanos e moçambicanos. (Petter, 2006)³

Considerando as características dos grupos citados acima, pode-se dividir os escravos africanos em dois grupos linguísticos: os provenientes da família linguística banto e os da família nígero-congolesa, em especial os iorubás, ewes, fon e haussa.

² Babalorixá Jomar é dirigente de um terreiro na cidade de Sobreda, Portugal.

³ Petter (2006), *apud* Mattoso (1982:22-23) apresenta em seu artigo “*Línguas africanas no Brasil*” um quadro sobre os dados históricos do tráfico negreiro, identificando o uso de escravos banto e sudaneses primeiramente para o trabalho no canavial e nas minas de ouro e depois também no plantio do café.

Para dificultar a comunicação entre eles, senhores e mercadores procuravam mesclá-los nas senzalas. Dessa forma, os escravos foram forçados a socializar-se por meio de uma língua veicular, o que, segundo Petter (2006), dava-se através da hegemonia do quibundo entre as línguas banto e do iorubá entre as línguas nígero-congolesas.

Além da heterogenia linguística, os africanos trouxeram consigo uma variedade cultural imensa que misturada à outras, fez surgir em cada senzala novas constelações culturais, manifestadas através de danças e ritos permitidos pelos senhores de escravos. Dentre elas, a religiosidade é a que traz a marca mais carregada da cultura africana. Unidos pelas crenças comum a todos, os escravos recriaram suas religiões no Brasil, surgindo assim o Candomblé, o Tambor de Mina, o Xangô, o Batuque e mais recentemente, a Umbanda.

Segundo Dias (2011),

o “CANDOMBLÉ é o resultado final de um longo processo histórico, cultural e religioso que começou na África Ocidental, nomeadamente na região que hoje compreende a Nigéria, o Benim e parte do Togo”.

Ainda segundo esse autor, a chegada de negros iorubás e fons-daomeanos à Bahia propiciou o aumento dos cultos religiosos nessa cidade, embora eles fossem ocultados dentro das confrarias católicas que os abrigavam. É dentro da dinâmica do sincretismo religioso, em que os santos católicos eram ligados aos seus Orixás, que foi fundado em 1807 o *Ilê Axé Omi Airá Intilé*, uma das primeiras casas de candomblé na Bahia.

Etimologicamente, Castro (1983) considera que o termo *candomblé* é encontrado em todos os dicionários portugueses para designar os cultos afro-brasileiros, como Macumba no Rio de Janeiro. Segundo a autora, *candomblé* tem origem banto *ka-ndómb-íd-é* > *ká-n-dómb-éd-é* > *ka-n-dómb-él-é* e significa “louvar, rezar, invocar”. Dessa forma, “candomblé é culto, louvor, reza, invocação”.

Pai Jomar (2012), dirigente do Terreiro *Ilê Asè Omín Ògún*, afirma em sua entrevista que

o candomblé é uma religião monoteísta afro-brasileira, que nasceu da fusão do culto aos Orísás praticado em África há mais de cinco mil anos; e as formas e fórmulas adoptadas pelos negros escravos, que forçadamente e após a grande travessia do Atlântico, se viram obrigados a utilizar em terras brasileiras, para camufladamente, continuarem a venerar os seus ‘Santos’: os Orísás!

Os Orixás são deuses correlacionados às forças da natureza, estando profundamente ligados às manifestações dessas forças. Cada Orixá tem sua própria simbologia, cores, alimentos, cantigas e orações.⁴ Dias (2011) cita a definição de Pierre Verger, para quem os Orixás podem ser “comparados aos Santos da Igreja Católica e considerados como intermediários entre a Humanidade e Deus”.

Com o sincretismo, cada Orixá foi associado a um santo católico, ajudando “os escravos a despistar os seus senhores sobre o real objetivo das danças, cantos e

⁴ <http://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/>

festas” que podiam realizar. (Dias 2011) Não é possível dizer como estas associações foram feitas, mas nota-se que as características dos santos católicos serviram aos negros como ponto comum de sincretismo. Embora o sincretismo tenha contribuído para a preservação do candomblé, não houve de fato uma mistura das religiões, que impossibilitasse preservar sua matriz africana.

As principais figuras de um terreiro de candomblé são o Babalorixá e a lalorixá⁵, pessoas treinadas durante sete anos nos preceitos da religião para estarem aptos a receberem o *axé* e jogarem *búzios*⁶. Os preceitos religiosos são até hoje transmitidos oralmente, pois “os ensinamentos sagrados se apreendem com o convívio e respeito aos mais velhos, detentores do conhecimento” (Pai Jomar, 2012). Vale ressaltar que a língua dos terreiros continua sendo a língua dos seus ancestrais. Sendo assim, o iniciado no candomblé passa a aprender também a língua de sua nação religiosa.

Dada a heterogenia linguística das senzalas, formaram-se diferentes nações de candomblé: do banto surgiram as nações de candomblé de Angola e Omolocô. Da família sudanesa surgiram os candomblés da Nação Ketu, onde fala-se iorubá, e o da Nação Jeje, cuja língua é o ewe. Há ainda o candomblé de Caboclo, que incorpora parte das tradições indígenas aos seus ritos, utilizando-se também da língua portuguesa simultaneamente com o quimbundo.

Para Póvoas (1989), “embora cada terreiro tenha sua língua(gem) específica, todos coincidem em um ponto: escrever é trair o sistema, por isso a comunicação se estabelece de boca-ouvido”. Este autor considera que a miscigenação dos escravos contribuiu para a adoção de uma língua comum, denominada por ele como “dialeto das senzalas” e “dialeto das minas”, os quais desapareceram, restando apenas o “dialeto do povo-de-santo”, usado pelos praticantes do candomblé e conservado até a atualidade. Embora essa língua seja transmitida oralmente e apenas aprendida por quem se inicia na religião, muito vem sendo discutido sobre a influência dos léxicos religiosos do candomblé no PB.

2.1 A LÍNGUA DE SANTO

A língua de Santo serve à interação do povo de santo com seus Orixás e com a comunidade religiosa. Conforme o iniciado no candomblé vai aprendendo suas tradições, também passa a adquirir a língua utilizada em sua casa religiosa. Castro (1983) descreve a língua de Santo como um repertório linguístico que

compreende uma terminologia religiosa operacional, de caráter mágico-semântico e de aparente forma portuguesa, mas que repousa sobre sistemas lexicais de diferentes línguas africanas que provavelmente foram faladas no Brasil durante a escravidão, vindo a constituir uma língua ritual, mítica.

Embora cada nação de candomblé tenha sua língua, a mais propagada é o iorubá, língua comum dos terreiros de candomblé na Bahia. Segundo pesquisadores

⁵ Pai e mãe de santo: léxicos iorubás incorporados ao português através de sua tradução literal.

⁶ Jogo adivinhatório também conhecido como oráculo de Ifã.

como Póvoas (1989) e Dias (2011), o falante do iorubá não decora os textos utilizados em cada rito nem traduz as palavras *ipsis literis* para o português, mas tem de compreendê-las, a fim de integrar-se com o universo e com a vida nagô. E mesmo bilíngue, ele sabe que não deve utilizar-se da língua de Santo fora do âmbito religioso.

3. INFLUÊNCIA LINGUÍSTICA DO CANDOMBLÉ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A influência das línguas africanas no PB é pesquisada desde o século XIX e mesmo assim, ainda não é possível afirmar quantos étimos incorporados são de origem africana. Isto porque muitos dicionários e pesquisadores acabam por condensar os étimos apenas dentre as línguas quimbundo e iorubá.

Na época da escravidão no Brasil houve muitas incorporações de origem portuguesa ao léxico do candomblé e vice versa. Esta interação expandiu-se por todos os níveis linguísticos, tendo os escravos ladinos como transmissores destes étimos tanto na casa grande como na senzala, pois estes sabiam falar português além de sua língua materna.

Póvoas (1989) destaca que a convivência entre o iorubá e o português levou seu praticante a utilizar palavras como *camarinha*, *salão* e *terreiro* com sentido semântico que alude ao mundo religioso. Assim, enquanto no português *camarinha* significa ‘quarto pequeno’, no candomblé define ‘recinto sagrado onde as pessoas são recolhidas para o ritual de iniciação’. A influência do português no iorubá também pode ser encontrado no aportuguesamento de léxicos do candomblé tanto em relação à ortografia, como *Orixá* (Òriṣà), quanto como a incorporação lexical. Um dos maiores exemplos de incorporação é a palavra *Axé* (Àṣẹ). No candomblé, o étimo significa ‘energia vital’ e é utilizado como termo votivo de ‘assim seja’, findando incorporado ao PB como forma de desejar boas energias. (Póvoas 1989) Este vocábulo ainda denomina um ritmo musical: *axé music*.

Segundo Castro (2005) os empréstimos lexicais para o português podem ser classificados nas seguintes categorias:

- Palavras africanas apropriadas pela língua portuguesa em diversas áreas culturais, conservando forma e significado originais. Estas podem ser simples, como *samba*, *xingar*, *candomblé*, *berimbau*, *axé*, e *caçula* ou compostas, como *lenga-lenga*, e *Axé Opo Afonjá*.
- Aportes por decalque: palavras do português que tomaram um sentido especial, seja por tradução direta como *mãe-de-santo* (*ialorixá*) e *despacho* (*ebó*) ou por substituição de palavra considerada tabu: *Omulu* por *O Velho*, e *flor d’O Velho* por *pipoca*.
- Aportes híbridos: palavras compostas de um elemento africano e um ou mais elementos portugueses, tais como *bunda mole*, *espada de ogum*, *cafundó de Judas*. Ainda inserem-se nesta categoria as derivações como *molecagem*, *sambista*, *çaçulinha* e *bagunceiro*.

Castilho (2010) argumenta ainda que palavras de origem banto dispersaram-se por diferentes áreas lexicais, enquanto palavras da cultura sudanesa concentraram-se em 65,7% na linguagem litúrgica dos candomblés, como *afoxé*, *agogô*, *ebó*, *ialorixá*, entre outras. Falando em étimos incorporados do candomblé, Póvoas (1989) divide-os em campos semânticos que fazem referência às áreas culturais desta religião. Dentre tais categorias, pode-se citar:

- Cargos, postos hierárquicos e graus de parentesco num terreiro: Babalorixá, filho de santo, zelador;
- Cerimônias, festividades, crenças: assentamento de santo, corpo fechado, jogar búzios, obrigação;
- Culinária: abará, acarajé, bobó, feijoada, molho nagô, moqueca;
- Divindades: Caboclo, Dona das Águas, Homem da Rua, Iansã, Iemanjá, Janaína, Orixá;
- Indumentária e adereços sagrados: balangandãs, bata, fio de conta;
- Instrumentos musicais: agogô, caxixi, atabaque;
- Objetos de culto: abô, banho de folha, pomba;
- Recintos sagrados: camarinha, casa;
- Toques, danças, ritmos: ijexá, jeje, samba.

É importante ressaltar que alguns dos lexemas acima são empréstimos do português, os quais receberam nova carga semântica dentro da prática religiosa. As palavras de maior divulgação entre os não-praticantes do candomblé são as palavras das categorias *c*, *d* e *f*.

Embora a influência africana venha acontecendo há mais de dois séculos na sociedade brasileira, só no século XX iniciou-se uma ampla divulgação tanto da cultura, como de termos lexicais do candomblé no Brasil. Este fato deve-se, por exemplo, à literatura de Jorge Amado, cujos textos aludem aos Orixás, ou ainda a compositores musicais, como Vinícius de Moraes e Zeca Pagodinho, que utilizam o vocabulário religioso em suas músicas, transmitindo ao ouvinte leigo um pouco da cultura religiosa. É o caso de *Bamba do Feitiço*, canção de Zeca Pagodinho (quadro 1) que utiliza elementos advindos da religião como *patuá*, *feitiço*, *Erê*, *Oxalá*, com o objetivo principal de descrever uma pessoa; neste caso uma mulher que conhece o mundo do candomblé.

Neste sentido, vale lembrar que muitos brasileiros passaram a conhecer e cultivar os Orixás através do sincretismo religioso. Iemanjá, por exemplo, é reverenciada no dia de Nossa Senhora da Conceição e seus festejos reúnem não só adeptos do Candomblé, mas também simpatizantes⁷. Estima-se que cerca de 300 mil pessoas participem dos festejos à Iemanjá na Bahia oferecendo presentes à Deusa do Mar, seja em agradecimento ou fazendo pedidos.

⁷ O sincretismo religioso foi muito praticado na época da escravidão, para ludibriar os senhores de escravos. Hoje em dia, o Candomblé retornou às suas origens e não sincretiza seus Orixás.

É pelo sincretismo que algumas palavras e/ou expressões antes somente conhecidas pelos praticantes do candomblé passaram a fazer parte do cotidiano brasileiro. Muitas delas mantêm sua carga semântica religiosa enquanto outras adquirem novos sentidos. (Quadro 2) A expressão “*Vamos cantar para subir, bebê!*”, por exemplo, atingiu um grande público em 2011, quando uma personagem usou-a em uma das cenas mais importantes da novela *Fina Estampa*.⁸

4. O CANDOMBLÉ EM PORTUGAL E SUA INFLUÊNCIA NO PE

Com a revolução de 1974 e a restauração de seus direitos de liberdade, seguido pelo grande número de imigração brasileira nas décadas seguintes, Portugal abriu-se para o conhecimento de outras congregações religiosas, as quais conquistaram espaço e adeptos por onde se instalavam. Segundo Dias (2011) e Saraiva (2010), as religiões afro-brasileiras passaram a despertar a atenção do cidadão português, primeiramente através das telenovelas, como *Gabriela Cravo e Canela*, seguida pela multiplicação de anúncios de casas de candomblé nos jornais e atualmente na *internet*. Como exemplo, Saraiva (2010) afirma que lemanjá é figura de grande importância para os portugueses, sendo comparada a Nossa Senhora de Fátima: “The image of lemanjá (...) is nowadays side by side with the images of the Catholic Our Lady of Fatima (the better known and most important Catholic site of pilgrimage in Portugal)”.

Segundo o site *Terreiro na Europa*, existem diversas casas religiosas em todo Portugal, sendo representadas legalmente pela FENACAB – Federação Nacional do Culto Afro-brasileiro⁹. Muitos praticantes foram iniciados no Brasil e retornaram ao país abrindo suas casas, enquanto outros passaram por sua iniciação já em território português. Segundo pesquisadores, os terreiros são frequentados por adultos e crianças de classe média, não importando sua nacionalidade.

Embora já haja uma grande comunidade de culto do Candomblé neste país, é difícil relacionar quais étimos desta religião foram e/ou estão sendo incorporados ao português europeu. Um dos principais motivos é que o povo de santo costuma utilizar-se deste vocabulário apenas em seus cultos e não em seu cotidiano. Por outro lado, não houve também a mesma constelação de fatos para tal incorporação como houve no Brasil a época da escravidão.

⁸ Fina Estampa: novela de Aguinaldo Silva, exibida pela Rede Globo em 2011

⁹ A FENACAB possui uma coordenação internacional de Portugal, cujo representante foi nosso entrevistado: Babalorisá Jomar.

5. METODOLOGIA

Visando atender ao objetivo deste trabalho, em saber se há incorporações lexicais da língua de Santo ao PE, iniciaram-se dois campos de pesquisa. A primeira etapa caracterizou-se pelo contato com Pai Jomar, dirigente de uma casa de candomblé em Portugal, que nos concedeu uma entrevista. Para tanto, foram elaboradas perguntas acerca do mundo do candomblé em Portugal, a relação do entrevistado com a religião e sobre uma possível incorporação lexical.

A segunda etapa da pesquisa visava estabelecer o conhecimento semântico dos portugueses sobre algumas palavras advindas do candomblé. Deste modo, elaborou-se um questionário cujos objetivos eram, primeiramente, conhecer o perfil dos nossos informantes e seus conhecimentos sobre o tema religião afro-brasileira. Na segunda parte da pesquisa, foram-lhe fornecidas algumas palavras advindas do candomblé, para que pudessem designar-lhes um ou mais significados. Estas palavras foram escolhidas pelo seu uso no Brasil em diversos âmbitos aquém da religião. O questionário foi preenchido por alunos da Universidade do Minho e de Coimbra em fevereiro e março de 2012.

5.1 ENTREVISTA

Para a entrevista contatamos o dirigente do Terreiro *Ilê Asè Omín Ògún*, em Sobreda da Caparica, que define-se como

“Bàbálórísá Jomar, Filho de Santo de Yá Paula de Omulu, Bisneto de Santo da saudosa Mãe Olga do Alaketu e por motivos que agora não vêm ao caso, adotado como filho, por Pai Ari de Ajagunã (Bàbálórísá Aristides de Oliveira Mascarenhas)”

Já aqui percebe-se a grande influência das tradições do candomblé em sua vida, uma vez que a linhagem ancestral passa a fazer parte de sua história. Descrita sua árvore genealógica religiosa, Pai Jomar enumera seus trabalhos em prol do candomblé, tais como a presidência da FENACAB no Brasil e sua coordenação internacional em Portugal e Europa. Por serviços prestados ao candomblé, recebeu também o título de *Ordem ao Mérito Religioso* e o troféu *Axé Bahia – Adjá de Ouro* por duas vezes.

O senhor Jomar é português e foi educado no catolicismo por sua família biológica, tendo até mesmo ingressado numa congregação católica até que dúvidas o levaram a sair desta e a voltar a lecionar. Num dado momento de sua vida, um senhor desconhecido o interpelou num bar e o julgou ser feito “para o santo”, assim como este senhor o era, trazendo a cultura afrodescendente para sua vida.

Para o Babalorixá, o candomblé é uma religião afro-brasileira, monoteísta cuja prática existe já há mais de cinco mil anos na África. Seus praticantes têm por obrigação ajudar ao próximo e honrar os Orixás e Olorum, sem discriminações. Por ser religião, “não tem nacionalidade” e por isso as casas de candomblé seguem a mesma organização de preceitos e ritos em qualquer lugar do mundo. Além disso, o candomblé transmite seus ensinamentos sagrados através do convívio com os mais velhos e do aprendizado de sua língua de Santo. Segundo Pai Jomar,

a língua 'Yorubá' é preservada através dos cânticos e cantares ritualísticos; dos 'ofós' e 'orikís', da língua utilizada durante os rituais, nomeadamente nas designações dos instrumentos e objetos ritualísticos utilizados; nos nomes da comida/oferenda do Orisá, nos 'urukós' dos 'Yaôs', etc. E todos [os] ensinamentos são passados (...) aos Filhos da casa, mantendo assim a língua viva.

Ainda segundo o informante, não há nenhum tipo de adaptação linguística do iorubá à realidade portuguesa, pois o uso da Língua de Santo dá-se exclusivamente dentro das casas de candomblé e é conhecido apenas pelos frequentadores. A incorporação lexical religiosa ao seu cotidiano é refutada com a explicação de que o candomblé baseia-se no segredo de suas tradições. Assim, isto é uma "questão de reserva, preservação e defesa da religião". Mesmo assim, o Babalorixá considera que "existirão, eventualmente, expressões (...) atribuídas aos cultos afro-brasileiros" usadas no cotidiano português, como as expressões "quem tem pressa, come crú", "camarão que dorme, a onda leva", "quem tem, tem, quem não tem bate 'pawô' (palmas) para quem tem" e "um dia é da caça, o outro do caçador".

Acerca da chegada das religiões afro-brasileiras em Portugal, o Babalorixá esclarece que estas

"regressaram do Brasil a Portugal, não só pelos brasileiros (...) como [pelos] próprios portugueses que foram ao encontro desta (...) espiritualidade no Brasil, procurando aí, soluções para as suas insatisfações e incertezas."

Sobre o perfil dos adeptos, seu terreiro é frequentado por pessoas com idade entre seis meses a setenta anos, divididas em dois grupos: "as que procuram [soluções] pela dor" e "as que procuram pela necessidade própria do ser Humano" caracterizada pela realização espiritual através do amor. Estas pessoas informam-se sobre o candomblé através da mídia ou por frequentadores.

Perguntado sobre o preconceito acerca da religião, o informante destaca que preconceito existe sempre que se fala em religião e que a relação com o candomblé vem mudando, pois seus dirigentes estão conquistando espaços através "do respeito por si, pelos outros e pelos Orixás". Ainda segundo ele, os portugueses são receptivos e adaptam-se a qualquer situação.

5.2 QUESTIONÁRIO SOBRE CONHECIMENTO LEXICAL

Na segunda etapa da pesquisa um questionário foi respondido por informantes com idades entre 20 e 30 anos. Dentre eles, 73% eram mulheres, 23% homens e 4% não responderam à questão. A este perfil pessoal foram acrescentadas questões sobre o conhecimento acerca do candomblé e por fim, foram-lhes apresentados alguns léxicos de origem afro-brasileiros, para os quais eles deveriam atribuir um ou mais significados.

Em geral, 52% afirmaram conhecer algo da cultura afro-brasileira no cotidiano português (figura 1), destacando-se a comida e a música com 20% cada, seguidas pela capoeira e danças com 15% (figura 2). Ainda 5% dos informantes afirmaram conhecer certos rituais religiosos.

Especificamente sobre o candomblé, 84% disseram não conhecê-lo e 87% não o souberam definir. Porém, 13% dos informantes o consideram uma religião e destes, 10% disseram ser o candomblé um ritual praticado pelos povos africanos para louvarem os respectivos deuses. (figura 4) Ainda foi-lhes perguntado quando ouviram falar pela primeira vez sobre o candomblé e se conheciam adeptos. A estas perguntas encontramos novamente respostas negativas: 83% não disseram quando ouviram falar sobre esta religião e a mesma porcentagem não conhece frequentadores. Além disso, 84% dos informantes desconhecem a presença do candomblé em Portugal e não podem dizer isto é positivo ou negativo.

Após responderem às questões citadas acima, os informantes puderam atribuir um ou mais significados às seguintes palavras: *axé*, *lemanjá*, *macumba*, *mandiga*, *corpo fechado* e *quebranto*, as quais foram selecionadas através da lista de Póvoas (1989) e pela sua recorrência na mídia brasileira. *Fechar/abrir a casa* é expressão incorporada às religiões afro-brasileiras, cujo campo semântico tem sido muito divulgado atualmente e por isso também foi inserida ao questionário.

Muito embora os informantes não conheçam o candomblé, alguns léxicos foram interpretados em campos semânticos relativos à religião, como é o caso da palavra *macumba*, a qual se atribuíram significados como “energia positiva”, “bruxaria” e “feitiço”. Para a palavra *lemanjá*, 25% dos informantes a qualifica como “deusa do mar”, também um significado religioso. Aos outros étimos nota-se que cerca de 7 a 10% dos informantes atribuem-lhe palavras relativas à religião, como “feitiço”, “magia” etc. Este percentual mostra-se pequeno, se comparado ao número elevado de informantes que não souberam atribuir nenhum significado (representados nas figuras por n/A) às palavras propostas. Com exceção de *lemanjá* e *macumba*, todas as outras palavras são desconhecidas por cerca de 80% dos informantes.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Relacionando os resultados obtidos com os questionários e a entrevista de Pai Jomar, procurou-se encontrar respostas às principais questões acerca da presença do léxico do candomblé em Portugal. A primeira questão corresponde à ideia de que o candomblé é bastante conhecido e divulgado em Portugal, seguida da pergunta sobre quem são os adeptos desta religião e como estes chegaram até ela. Num segundo momento foi discutido se as peculiaridades do candomblé são preservadas ou sofrem influências da sociedade portuguesa. Paralelamente, tentou-se explicitar a influência do léxico afro-brasileiro no PE, através de palavras que foram incorporadas pelo PB.

Segundo os autores Dias (2011) e Saraiva (2010), o candomblé está se tornando cada vez mais conhecido em Portugal. Assim, pode-se dizer que essa religião está sendo descoberta pelo povo português, sem importar a idade, como afirma Pai Jomar. Por outro lado, o levantamento de dados dos questionários contraria a afirmação

acima, já que 54% dos informantes dizem não conhecer algo da cultura afro-brasileira. (Figura 2) Embora 5% dos informantes afirmem conhecer “certos rituais”, nenhum deles cita claramente o candomblé.

O desconhecimento desta religião fica claro através das informações da figura 3, em que 84% afirmam não conhecê-la. A estes somam-se 6% dos informantes, os quais não atribuem nenhuma alternativa, enquanto apenas 10% o conhecem. Portanto, não se pode realmente aferir qual o conhecimento do povo português acerca do candomblé, mas pode-se afirmar de acordo com os dados da figura 5, que a partir dos últimos cinco anos ouve-se falar desta religião em Portugal. Embora se confirme o crescimento da religião em Portugal, nenhum informante diz conhecer praticantes ou adeptos. Em sua grande maioria, eles optam por não dar nenhuma resposta (n/A) à esta questão (figura 6).

Ainda de acordo com os autores citados acima, as estruturas do candomblé não se alteram com a mudança de país. Pai Jomar ressalta que “não é porque estamos em Portugal, que o Candomblé deixa de ter as iniciações inerentes ao próprio Candomblé.” Desta forma, a língua de Santo mantém-se preservada como bem imutável, devendo ser utilizada apenas no terreiro. Isto difere no Brasil, posto que a incorporação lexical de palavras e expressões ocorreu tanto no sentido da língua de Santo para o português como em sentido contrário. É necessário destacar que a realidade brasileira necessitou dessa incorporação lexical em momentos como o período da escravidão. Outro fenômeno mais recente no Brasil é o uso de léxicos referentes ao candomblé com outros significados semânticos ou até mesmo em referência aos ritos dessa religião.¹⁰

Ao responderem sobre o que conhecem da cultura afro-brasileira, nota-se que 10% dos informantes afirmam conhecer “vocabulário”. Porém, ao atribuírem significados às palavras dadas, muitos deles optaram por não atribuírem sinônimo algum às figuras 7 a 14, dada a quantidade de respostas “nenhuma alternativa” (n/A).

Sendo assim, pode-se afirmar que o resultado dos questionários nos situa em duas realidades. A primeira baseia-se na afirmação de que um léxico utilizado cotidianamente no Brasil não é tão conhecido em Portugal. Em decorrência disto, conclui-se que palavras advindas da língua de Santo preservam seu caráter semântico religioso em Portugal.

Levando-se em consideração as atribuições semânticas dadas por aqueles que conheciam as palavras do questionário, pode-se agrupá-las em campos semânticos ligados à cultura (dança, estilo musical), a sinônimos em português (abrir/fechar estabelecimento, documento específico, relatório) e à religião (deuses, feitiços, santidade, ritual esotérico).

A análise deste agrupamento mostra que diversos informantes fazem uso de sinônimos religiosos para descrever certas palavras. É o caso de *axé*, em que 10%

¹⁰ Castro (2005) apresenta o uso de palavras do candomblé em situações cotidianas do povo de santo na Bahia, principalmente quando eles não encontram um sinônimo para explicar o que querem dizer. Assim, expressões de conhecimento apenas do povo de santo passam a fazer parte da linguagem comum a todos.

a descreveram como *saudação* e 7% como *energia positiva*. Já para *lemanjá* foram usadas várias maneiras de descrevê-la: *deusa do mar, das águas, santidade pagã* e até mesmo *santa no nordeste*. A atribuição dos sentidos *deusa do mar, deusa das águas* e *deusa afro-brasileira* corresponde a 30% das respostas e fazem parte do campo semântico religioso. Já o étimo *quebranto* é desconhecido por 84% dos informantes enquanto o restante divide-se entre significados como *feitiço, quebrar feitiço* e *estar sob efeito de bruxaria*.

Os significados religiosos atribuídos à *macumba* mostram que esta é a palavra, a qual parece já ter sido ouvida pelos informantes: 46% afirmam que *macumba* é *bruxedo/feitiçaria*, enquanto os outros ressaltam nuances desse campo semântico através de significados como *ritual esotérico, maldição* e *magia negra*.

Apenas para a palavra *mandinga* não foi atribuído quaisquer significado de cunho religioso: 94% afirmam desconhecer esta palavra enquanto 6% se dividem entre *etnia africana* e *nenhuma alternativa*.

Dentre os étimos escolhidos destacam-se ainda aqueles advindos do português e que foram incorporados à linguagem religiosa. É o caso de *despacho* e de *fechar/abrir casa*. A eles foram atribuídos sentidos dentro do campo semântico do português em detrimento do campo semântico religioso. Enquanto para *despacho* foram atribuídos étimos como *documento, rapidez* ou *mandar alguém embora*, a *fechar/abrir casa* atribuiu-se o significado de *abrir* ou *fechar um estabelecimento* ou *purificar uma casa*.

7. CONCLUSÃO:

As religiões afro-brasileiras vêm conquistando espaço na sociedade portuguesa desde a década de 70, quando foram trazidas ora por portugueses, ora por brasileiros ou adeptos ao país e, sobretudo pela divulgação da mídia. Embora se perceba que nos últimos cinco anos houve um crescimento contínuo do conhecimento acerca do tema, este ainda é desconhecido pela população em geral, como comprova a pesquisa feita com informantes de Braga e Coimbra. Talvez esse desconhecimento seja consequência do preconceito que cerca essa religião bem como da preservação de seus preceitos apenas em ambiente religioso. Cabe ressaltar que embora 10% dos informantes conheçam o candomblé, nenhum deles informou conhecer algum adepto; a grande maioria optou por não responder a essa questão.

No que se refere ao léxico do candomblé e o contato deste com o PE, conclui-se que palavras do candomblé incorporadas ao léxico brasileiro não são conhecidas na mesma proporção em Portugal, a ponto de fazer parte do linguajar cotidiano deste país. Isso porque em Portugal não há e nem houve, momentos em que o Português e as línguas africanas usadas nos cultos religiosos sofressem tanta influência mútua como no Brasil. O único caminho de conhecimento destas palavras seria através da mídia e de seu uso pelos praticantes em ambientes fora dos terreiros. A divulgação pela mídia explica por que os informantes conhecem e atribuem significados a palavras como *axé, macumba* e *lemanjá*.

Embora os outros étimos tenham recebido poucos significados, estes se encaixam em sua maioria no campo semântico religioso ou cultural, como em *quebranto* e *mandinga*. Já as palavras portuguesas *despacho* e *fechar/abrir a casa*, incorporadas ao léxico religioso no Brasil, acabam por receber sinônimos em português sem nenhuma ligação com sua função religiosa.

Por fim, pode-se dizer que o tema da incorporação de étimos do candomblé em Portugal ainda carece de pesquisas que envolvam outras palavras, as quais tenham sido divulgadas pela mídia. É necessário ainda, organizar um estudo de campo que abranja um número maior de informantes, dentre os quais adeptos do candomblé, para precisar em que situações o léxico religioso ultrapassa os muros dos terreiros e adentra seus afazeres e diálogos fora do âmbito religioso. Por último e não menos importante, faz-se necessária uma pesquisa linguística sobre as expressões citadas pelo Babalorixá Jomar, tanto na busca por suas origens, como pelo seu conhecimento e incorporação destas ao PE e PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alkmim, T. e Petter, M. (2008) "Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje". In: Fiorin, J. L., Petter, M. (eds.) (2008) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. Consultado em 20.04.2012: http://www.fllch.usp.br/dl/gela/textos/texto_contexto.pdf
- Campos, T. (2010) Candomblé à Portuguesa. *VISÃO*, 913. Consultado em 03.03.2012: <http://www.temploetxaury.com/revistaVisao2010.pdf>
- Castilho, A. T. (2010) *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto pp. 180 – 183
- Castro, Y. P. de (1983) Das línguas africanas ao português brasileiro. In: Castro, Y. P. de (ed). *Afro-Ásia*, 14. Salvador: Universidade Federal da Bahia, pp. 81-106. Consultado em 07.07.2012: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n14_p81.pdf
- Castro, Y. P. de (2005) A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: *Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade de Salvador*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação. Consultado em 15.03.2012: <http://www.sme.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>
- Dias, J. F. (2011) *Candomblé em Português, História, Organização, Teologia. O essencial para a compreensão da crença afro-brasileira, em português de Portugal*. Amadora: Antagonista.
- Luchesi, D. (2008) Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: Lima, I. S.; Carmo, L. do (eds.) *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, pp. 151-180. Consultado em 07.06.2012: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/10122008232732.pdf>
- Neto, A. G. C. (2006) A Linguagem no Candomblé: um estudo lingüístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras. In: *Palmares, fundação cultural*. Consultado em 07.06.2012: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-Linguagem-no-Candombl%C3%A9.pdf>
- Noll, V. (1999) *Das brasilianische Portugiesisch: Herausbildung und Kontraste*. Heidelberg: Winter.

- Petter, M.(2006) Línguas africanas no Brasil In: Cardoso, S. A. M., Mota, J.A., Mattos e Silva, R. V. (eds.) *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Consultado em 20.04.2012: <http://www.fflch.usp.br/dl/gela/textos/L%2B%A1nguas%20Africanas-%20500-2.pdf>
- Petter, M. (2002) Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: Nunes, J. H. e Petter, M. (orgs) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. Consultado em 20.04.2012: <http://www.fflch.usp.br/dl/gela/textos/TERMOS%20DE%20ORIGEM%20AFRICANA%20NO%20L%2B%EBXICO%20DO%20PORTUGU%2B%E8S%20DO%20BRASIL.pdf>
- Póvoas, R. do C.(1989) *A linguagem do Candomblé: níveis sociolingüísticos de integração afro-portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Ribeiro, D. (1995) *O povo Brasileiro*. Consultado em 21.04.2012: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Darcy_Ribeiro_-_O_povo_Brasileiro-a_forma%C3%A7%C3%A3o_e_o_sentido_do_Brasil.pdf
- Saraiva, C. (2010) Afro-Brazilian religions in Portugal: bruxos, priests and pais de santo. *Etnográfica*, 14: 2. Consultado em 03.06.2012: <http://etnografica.revues.org/292>; DOI: 10.4000/etnografica.292
- Silva, J. A. A. da (2009) Sócio-história do português afro -brasileiro: uma história a contar. In: *Anais Eletrônicos IV Encontro Estadual de História*. Consultado em 20.04.2012: <http://www.uesb.br/anpuhba/anais eletronicos/Jorge%20Augusto%20Alves%20da%20Silva.pdf>

SITES CONSULTADOS:

<http://www.icp.com.br/33material.asp>

<http://femarinmoonlook.blogspot.de/2012/04/entrevistas-luiza-trigo-04042012.html>

<https://sites.google.com/site/terreirosnaeuropa/Home1>

<http://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/>

<http://letras.terra.com.br/zeca-pagodinho/203254/>

Bamba do Feitiço
 Ela é bamba, ela é bamba
 Ela é bamba do feitiço
 Eu vou contar
 Ela não precisa disso
 É pra ajudar
 Que faz seu rebuliço no gongá
 É, ela é bamba no feitiço
 Com a proteção de Erê
 Não deixa me derrubar
 Tem muamba seu feitiço
 Tem a fé de Oxalá
 Me tire um Erefuê
 Com a força do patuá
 É, ela é bamba no feitiço
 (É, ela é bamba, ela é bamba)

Quadro 1: Canção com étimos religiosos

Fonte: Trecho retirado do site <http://letras.terra.com.br/zeca-pagodinho/203254/>

Palavras e seus significados no Candomblé	Mudanças semânticas no cotidiano brasileiro
AXÉ: energia propulsora de todo o sistema cósmico, imanente a tudo que existe.	AXÉ: Boas energias! Ritmo musical originário da Bahia: Axé Music.
MACUMBA: Termo antigo que denominava os cultos dos escravos nas senzalas. Instrumento musical usado nos terreiros.	MACUMBA: feitiçaria, oferenda feita em esquinas, praias e nos terreiros.
BALANGANDÃ: objetos de prata, geralmente frutas e dentes de porco ou besouro, presos num colar com os quais as mulheres se enfeitam em dias de gala no terreiro.	BALANGANDÃ: pode ter figas, chaves, cadeados, chifres em miniaturas presas a uma argola de metal, para servir de amuleto e/ou enfeite.
EBÓ: conjunto de oferendas para Exu; despacho.	EBÓ: oferenda.
EXU: divindade considerada a responsável pelo equilíbrio do sistema Nagô. Associados às cores preta e vermelha, é confundido com Espírito do Mal.	EXU: Usado em expressões como: Ter o Exu no corpo (estar endemoniado) Estar vestido como Exu. (usar roupa nas cores preta e vermelha)
FAZER A CABEÇA: ritual para assentar o Orixá na cabeça do iniciando. O mesmo que fazer o Santo.	FAZER A CABEÇA: Ser convincente, persuadir o outro.
BAIXAR O SANTO: ato em que o iniciado incorpora uma entidade no candomblé ou outra religião afro-brasileira.	BAIXAR O SANTO: alguém pratica uma ação como se estivesse em transe. "Depois disso decidi o início e o fim e uma vez que comecei a escrever, o resto veio vindo. Eu até digo que um Santo baixou em mim."
CANTAR PARA SUBIR: Ato de entoar cantos para se despedirem dos Orixás ao final do ritual.	CANTAR PARA SUBIR: designa que alguém quer ir embora.

Quadro 2: Atribuição de novos significados a léxicos religiosos

Fonte: <http://fcmarimoonlook.blogspot.de/2012/04/entrevistas-luiza-trigo-04042012.html>

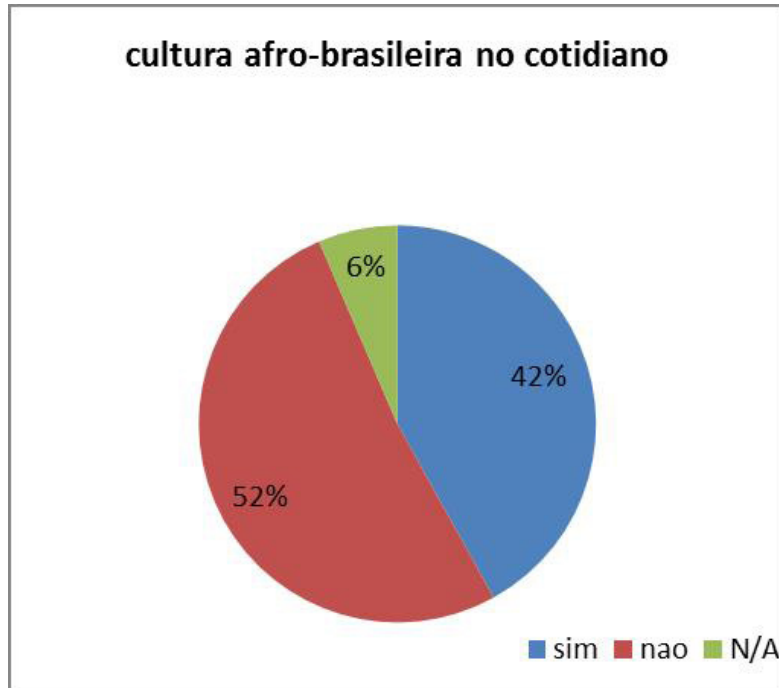


Figura 1: Cultura afro-brasileira no cotidiano

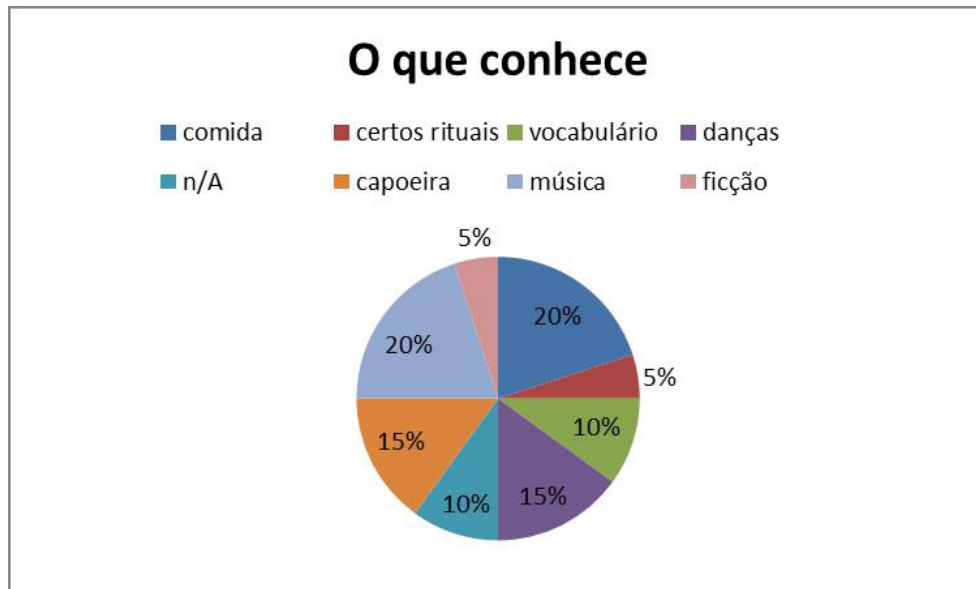


Figura 2: Conhecimento da cultura afro-brasileira

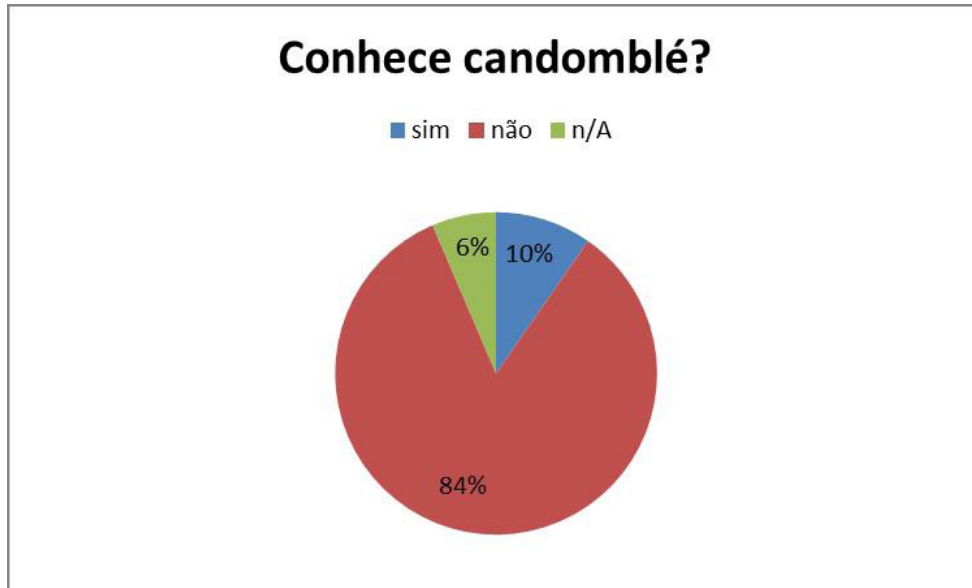


Figura 3: Conhece candomblé?

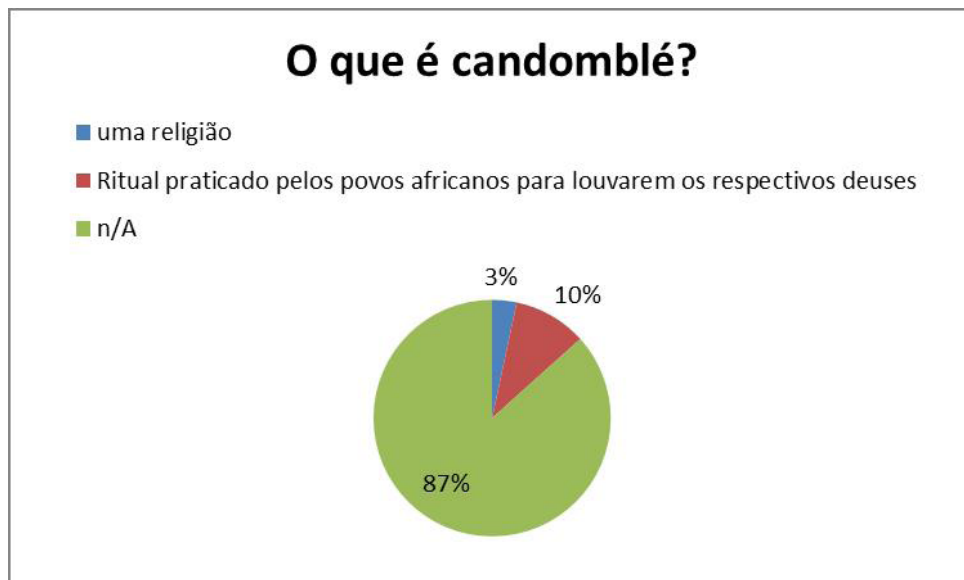


Figura 4: O que é o candomblé?

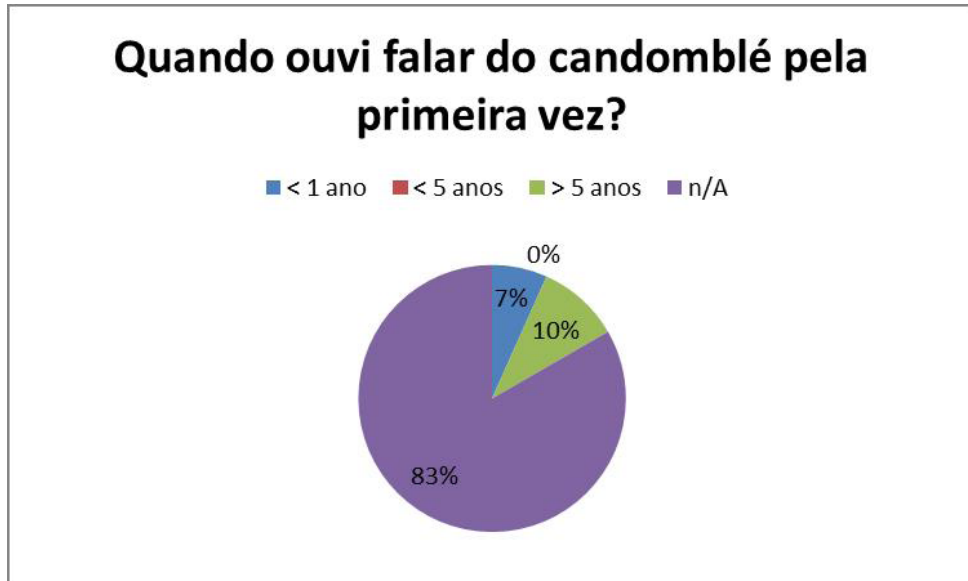


Figura 5: O primeiro contato com o candomblé

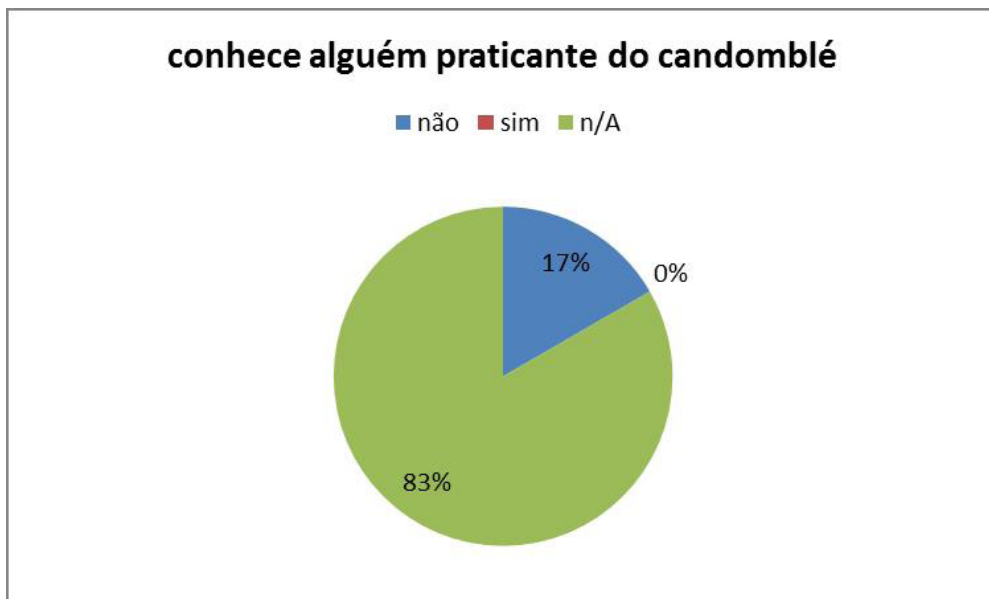


Figura 6: Conhecimento sobre praticante do candomblé

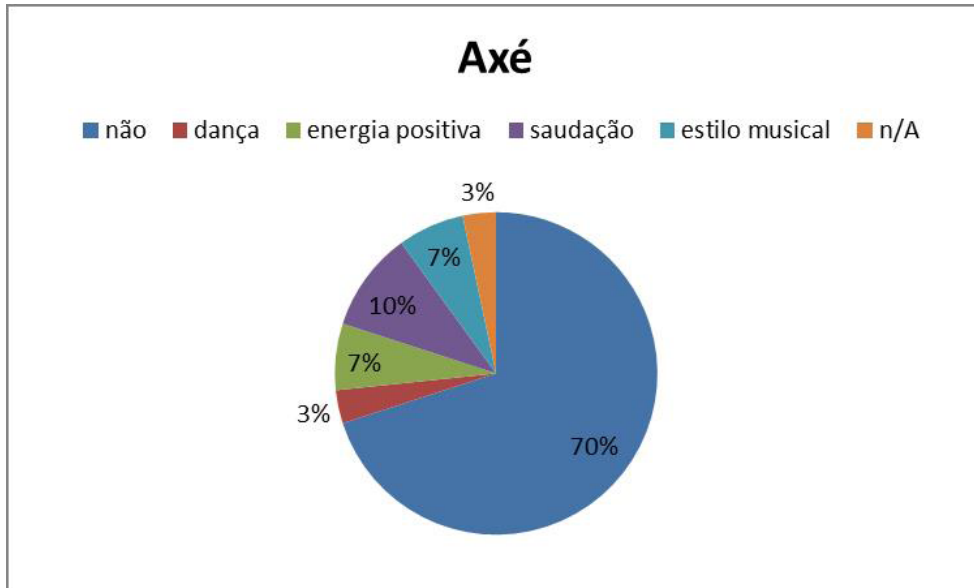


Figura 7: Axé



Figura 8: Corpo fechado

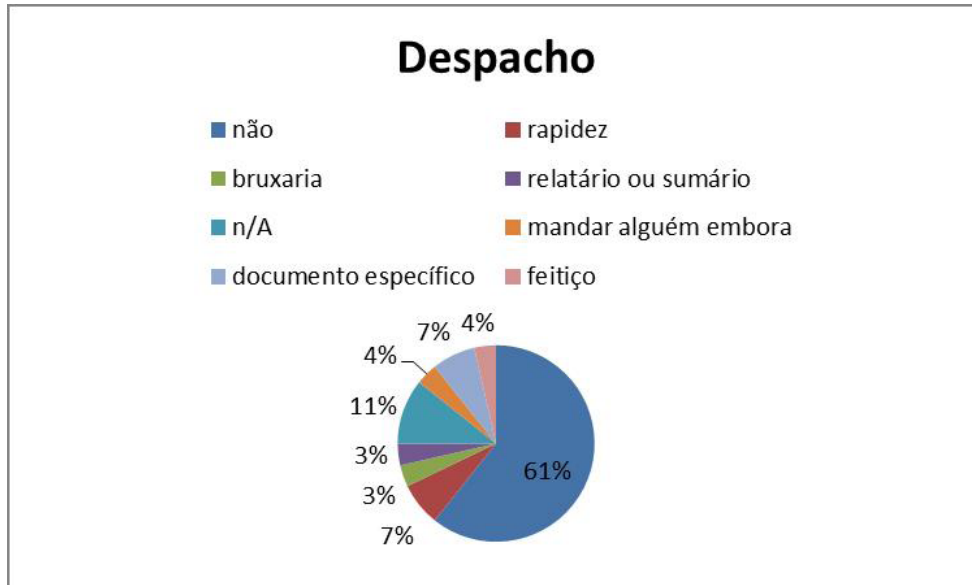


Figura 9: Despacho

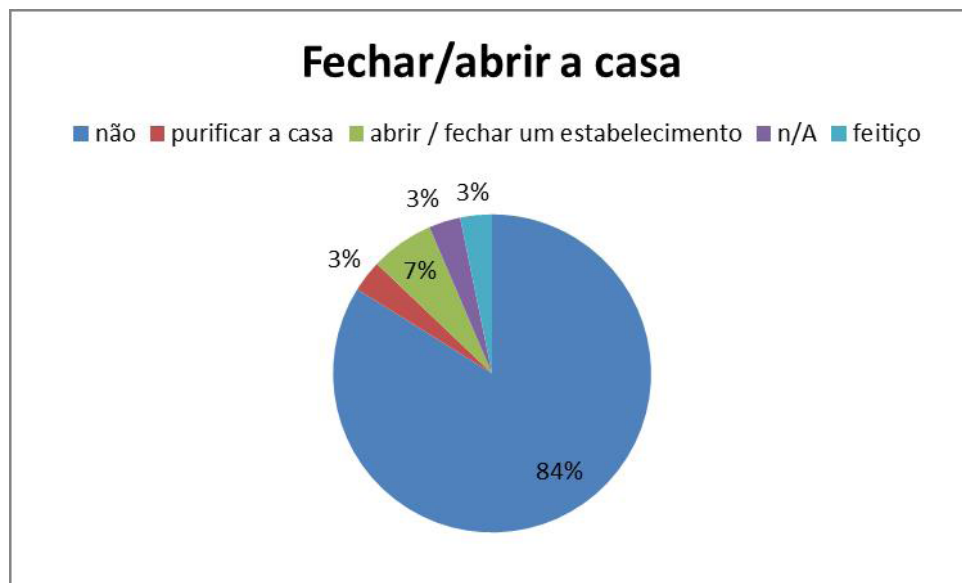


Figura 10: Fechar/abrir a casa

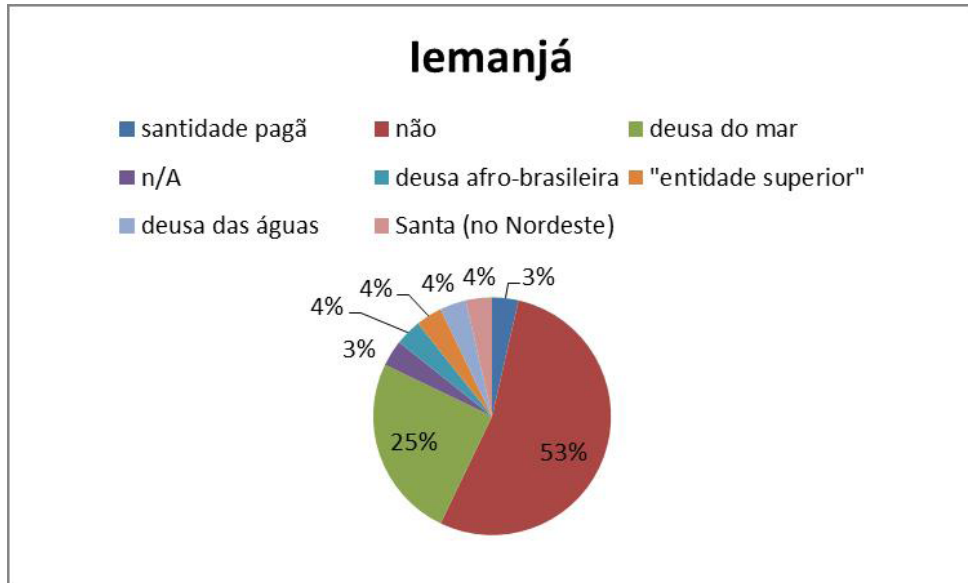


Figura 11: Iemanjá

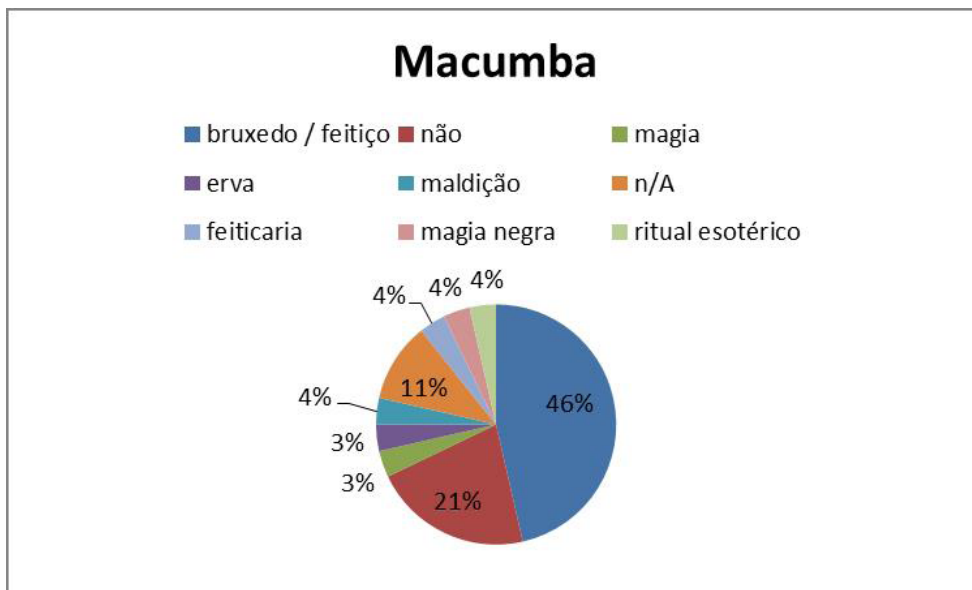


Figura 12: Macumba

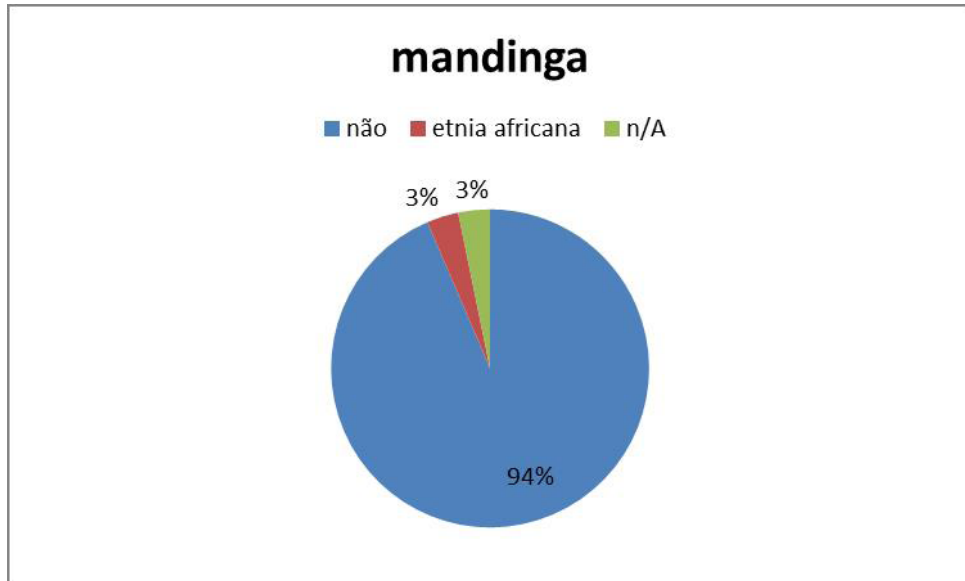


Figura 13: Mandinga

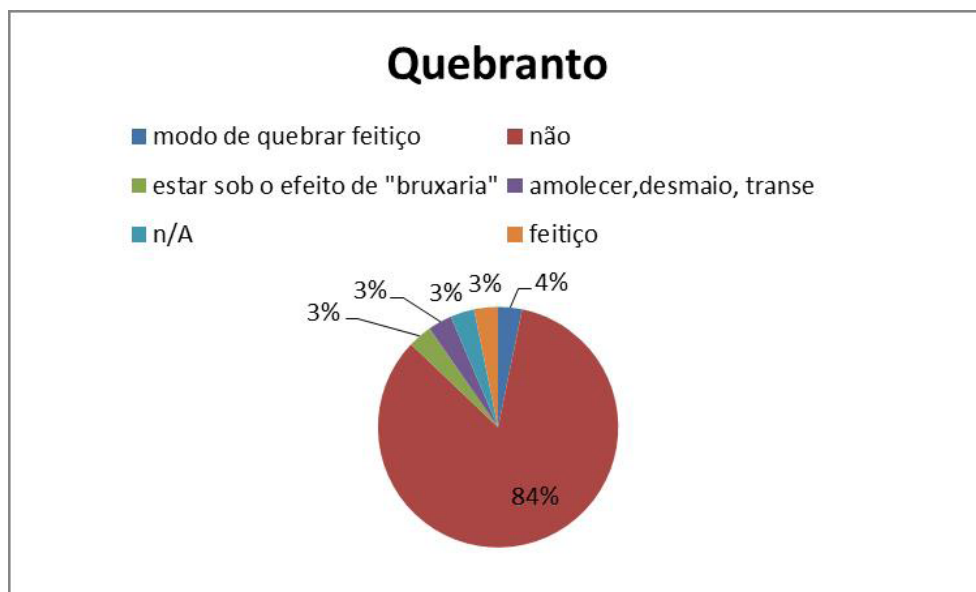


Figura 14: Quebranto